

O almejado território

A relação histórica de subordinação aos fazendeiros, a constante migração pelas fazendas e a memória de uma vida em comum, mas repleta de dificuldades na fazenda Campo, faz com que os Aranã possuam uma relação muito específica com a terra. Desde o primeiro contato com a equipe do CEDEFES, os Aranã afirmam que sua luta é para adquirir uma terra para que possam viver coletivamente. Os Aranã que moram em Araçuaí dizem, pelo depoimento de Dona Rosa Aranã, (07/07/2002)

O problema é que a gente não tem terra. A gente está na cidade obrigado. Viver junto é outra coisa. A terra para gente é bem melhor; mais importante que o reconhecimento étnico oficial. Mas tudo volta para o reconhecimento, não é?

O acesso à assistência do poder público, demandada, sobretudo, enquanto assistência aos direitos dos povos indígenas, apresenta-se, para eles, como vinculada ao reconhecimento étnico oficial. Não se percebem, enquanto comunidade, como algo diverso de índios. É o próprio sentimento de indianidade que parece explicar, para si próprios, uma tão premente demanda por uma vida em comum.

A comunidade imaginada pelos Aranã do Jequitinhonha necessita da posse de uma área para estabelecer novo vínculo com a terra. Nessa luta para agregar o seu povo, pouco importa para os Aranã se as famílias moram nas cidades ou nas fazendas. Isto não se constitui como elemento definidor de sua identidade. Para o grupo, laços de parentesco, memória e envolvimento com a luta pela terra são os principais elementos de identificação. No caso aranã, a dimensão utópica da comunidade imaginada define a luta de um povo pelos seus direitos:

Nós somos índios em qualquer lugar. Não importa onde estamos; não importa se somos reconhecidos... A gente se sente diferente dos outros. A maneira de ser da gente é diferente. Não sei, não sei se é... mas a gente sente assim. A gente precisa é estar junto. (Dona Rosa Aranã, 07/07/01)

No dia 25 de janeiro de 2000, os Aranã enviaram para a Diretoria de Assuntos Fundiários da **Funai** documento comunicando sua situação e solicitando uma solução para a questão da terra. Neste, os Aranã solicitaram a compra de uma terra para o grupo, mas não obtiveram resposta formal.

Cientes da ausência de referências mínimas de identificação étnica do grupo por parte da Funai, da morosidade dos processos de regularização de **Terras Indígenas** no Brasil e rejeitando a perspectiva de retorno para a área anteriormente ocupada pelo grupo na Fazenda Campo, os Aranã tentaram buscar alternativas para luta pela terra, iniciando um processo de contato com a Diocese de Araçuaí. Em 2000, perguntaram sobre a possibilidade da diocese doar uma parcela de terra para seu grupo se fixar e poder viver em comunidade na área onde alguns de seus parentes e um grupo **Pankararu** já possuíam terras. Mas o pedido não foi aceito.

No período de levantamento da história oral aranã, em 2001, o desejo de permanecer na região de Coronel Murta e Araçuaí se configurava como um marco de consenso do grupo. Apesar do intenso e histórico fluxo emigratório, e do fato do grupo ter se constituído enquanto tal em terras compreendidas como grandes fazendas, os Aranã entendiam, naquele período, que foi nessa região que estabeleceram raízes, laços de parentesco, amizades e conhecimentos da terra e da medicina.

Entretanto, com a premência de equacionarem o problema de acesso a terra, os Aranã têm também se mobilizado na busca de soluções alternativas que perpassam, inclusive, pela fixação do grupo em outras localidades da região e pelo recurso a instituições governamentais que não atuam especificamente no campo indigenista, como ITER (Instituto de Terras - poder público estadual) e o poder público municipal de Capelinha.

Alguns Aranã já possuem a posse de pequena gleba de terra na Fazenda Alagadiço e afirmaram, durante o período do trabalho do CEDEFES/ANAI/PRMG, não se imaginarem saindo dessa localidade.

A relação dos Aranã com a sociedade regional é relatada, tanto por parte dos indígenas como dos não índios, como uma relação de amizade. Todavia, depois de deflagrada a luta pela terra, conseqüentemente pelo reconhecimento étnico oficial, os Aranã, principalmente os seus mais velhos, afirmam que a reação da população não foi muito boa. Questionamentos, dúvidas e discriminação teriam marcado a reação da maioria das pessoas, fatos que parecem ter surpreendido negativamente os Aranã.

Para Rosa Aranã, a reação negativa de moradores da região para com seu povo caracteriza-se como um sinal de preocupação dos fazendeiros para com a situação fundiária. Pelo fato de a questão da identidade étnica perpassar pelo direito a terra, a população regional dissemina a dúvida e o descaso quanto à autenticidade da identidade indígena do grupo.

Fonte: Instituto Socioambiental – ISA
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/arana>